

O CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL: O VALOR E A INSTAURAÇÃO DE UMA LINGÜÍSTICA DO SENTIDO

The Course in General Linguistics: the value and instauration of a Linguistics of Meaning

Mary Elizabeth Cerutti Rizzatti*
Valdir do Nascimento Flores**

Resumo: Este texto apresenta uma leitura pontual das dicotomias saussurianas e, em particular, da noção de valor, discussão sobre a qual se erige uma reflexão acerca do eixo semântico no sistema de pensamento presente no Curso de Lingüística Geral de Ferdinand de Saussure. Discute-se, enfim, a respeito da possibilidade de haver uma semântica saussuriana.

Palavras-chave: Curso de Lingüística Geral. Semântica. Ferdinand de Saussure.

Abstract: This text presents a punctual reading of saussurians' dichotomies and, in particular, of the notion of value, a discussion that allows us to reflect about the semantic axis within the reasoning system present in Ferdinand de Saussure's Course in General Linguistics. It is discussed, then, the possibility of existing a saussurian semantics.

Key words: Course in General Linguistics. Semantic. Ferdinand de Saussure

Introdução

A Lingüística, da forma como hoje a conhecemos, desenvolveu-se a partir da obra póstuma de Ferdinand de Saussure, o *Curso de Lingüística Geral*, publicada em 1916¹, resultado de anotações reunidas e organizadas por dois discípulos de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye, os quais, todavia, para escreverem o *Curso*, não puderam contar com os manuscritos do mestre², os quais

* Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

** Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS. Pesquisador do CNPq.

¹Ferdinand de Saussure faleceu em fevereiro de 1913. O *Curso de lingüística geral* é sabidamente obra póstuma, datada de 1916, produzida por discípulos de Saussure a partir de notas de alunos, registradas por ocasião dos três cursos proferidos na Universidade de Genebra entre os anos 1907-1911

²Segundo Charles Bally e Albert Sechehaye, os editores do livro, no prefácio à primeira edição do *Curso de Lingüística Geral*, Saussure destruía os rascunhos em

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

certamente teriam contribuído para uma reconstrução mais sistemática e fiel das aulas³.

O *Curso de Lingüística Geral*, de todo modo, confere a Ferdinand de Saussure a condição de fundador da Lingüística contemporânea, embora seu conteúdo não tenha sido alvo de maior atenção do lingüista genebrino, que dedicou ao estudo de anagramas a maior parte de suas publicações⁴. Isso, no entanto, não diminui a importância da obra como síntese de algumas das principais idéias de Saussure, ainda que se revele uma publicação marcada por contradições e fragmentações decorrentes da natureza singular de sua organização, incluindo o fato de os editores, talvez por excesso de zelo, terem finalizado a discussão de questões deixadas em aberto por Saussure, ou mesmo o fato de não terem observado uma linearidade temporal mais precisa em relação aos manuscritos discentes de que dispunham⁵.

O *Curso de Lingüística Geral* registrou os estudos de Saussure

que planejava suas exposições diárias: “... após a morte do mestre esperávamos encontrar-lhe nos manuscritos, cortesmente postos à nossa disposição por Mme de Saussure, a imagem fiel ou pelo menos suficientemente fiel de suas geniais lições; (...). Grande foi a decepção; não encontramos nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos de seus discípulos; F. de Saussure ia destruindo os borradores provisórios em que traçava, a cada dia, o esboço de sua exposição!” (p. 5)

³Acresce-se a dificuldade de os editores não terem presenciado as aulas. Relatam eles, no prefácio: “... obrigações profissionais nos haviam impedido quase completamente de nos aproveitarmos de seus derradeiros ensinamentos” (p. 6).

⁴Jean Starobinski, em *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure* (1974), registra a presença de cerca de 140 cadernos, classificados por Robert Godel na Biblioteca Pública de Genebra. Este dado é importante porque, como registra Lopes (1993), “...o esforço dispendido registra que os anagramas não foram um passatempo ocasional de Saussure, mas um problema pelo qual ele se interessou obsessivamente...” (Lopes, 1993:108), ou ainda, conforme o próprio Starobinski, Saussure teria gastado “... um tempo considerável, a julgar pelo número de cadernos que dedicou a este tema”. (p. 7)

⁵Para maiores discussões a respeito das ambigüidades e das diferentes interpretações das idéias contidas no *Curso de Lingüística Geral*, ver: De Mauro (1976), Normand (2000), Godel (1969), Bouquet (2000), conforme Referências. Vale lembrar, também, a recente publicação de *Escritos de lingüística Geral* (2004) - organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, obra que, de acordo com o prefácio dos editores ao livro, reúne um “... conjunto de manuscritos descobertos na estufa do hotel genebrino da família de Saussure e depositados na Biblioteca pública e universitária de Genebra” (p. 16)

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

que transformaram a lingüística em uma ciência autônoma, independente e, principalmente, com identidade frente ao saber de sua época. As noções de *língua* e *fala*; a definição de signo como associação entre significante e significado, as noções de *sincronia* e *diacronia* e sobremaneira a noção de *valor* são contribuições fundamentais que Saussure empresta aos estudos lingüísticos com vistas à fundação da ciência lingüística. Os conceitos de *língua*, *valor* e *sincronia*, em especial, instituem as bases da lingüística como ciência. Ferdinand de Saussure, com esses estudos, trabalha a organização interna da língua, concebendo a noção de sistema, base dos estudos estruturalistas. Deve-se, assim, ao genebrino a instauração de um objeto – a *língua* – e, posteriormente, de um método – o estruturalismo⁶.

Tendo presente essas considerações relativas ao contexto de produção das teses saussurianas, registra-se, nos itens seguintes, uma leitura pontual das dicotomias saussurianas e, em particular, da noção de *valor*, o que se faz suceder de uma discussão sobre o eixo semântico em Saussure, questionando a possibilidade de haver uma semântica saussuriana, ponto de chegada deste texto.

Os motivos que levam a buscar um viés introdutório de leitura das noções apresentadas na obra de Saussure para, a partir dele, discutir, especificamente, o lugar da reflexão a respeito da semântica na teoria, estão estritamente ligados à configuração epistemológica da lingüística no Brasil. Acredita-se que foi produzida no Brasil uma configuração própria da lingüística. Com isso, queremos dizer que tal texto é pertinente no contexto da lingüística brasileira, uma vez que cumpre uma função heurística de recolocar as fontes de um certo

⁶Com isso, não se está dizendo que Saussure é responsável pela fundação do movimento estruturalista, ou do que se convencionou chamar de escola estruturalista. A idéia estruturalista é, sem dúvida, tributária de Saussure e decorre de interpretação feita de seu pensamento, em especial, pela Escola Lingüística de Praga. No entanto, o pensamento do Genebrino transcende tal leitura. Sabe-se que o estruturalismo é uma escola de pensamento com grande repercussão em lingüística e em antropologia, psicanálise, sociologia, entre outras áreas. Sabe-se, também, que o pensamento de Saussure sofreu diferentes leituras, por grandes representantes dessas áreas, nem sempre convergentes. Nesse caso, é mais correto falar em um pensamento saussuriano que mesmo sendo fundamental para a idéia estruturalista não se confunde com ela. Em outras palavras: o pensamento de Saussure não é sinônimo do pensamento estruturalista, mas o estruturalismo é-lhe, em grande parte, devedor.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

modo de fazer – e pensar sobre – lingüística.

A opinião implicitada neste estudo – aqui apresentada sob a forma de uma hipótese - a lingüística brasileira relacionou-se com o pensamento de Saussure de maneira bastante singular e com parâmetros nada similares aos utilizados pela lingüística européia. Durante os anos de introdução do pensamento saussuriano nos bancos acadêmicos, tornou-se lugar comum afirmar que a lingüística oriunda de Saussure não comportaria estudo do sentido ou da significação. Afirmou-se que tendo a lingüística “... por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” SAUSSURE 2000, p. 271 nada poderia ser dito acerca do significado uma vez que este exigiria recurso à exterioridade do sistema, violando, portanto, o princípio da imanência⁷, aquele que garantiria considerar a língua *em si mesma e por si mesma*.

O entendimento de que é operada a exclusão da semântica do escopo da teoria saussuriana é facilmente encontrada em declarações de manuais famosos à época, tais como: “... por mais que se tente, o sentido escapar-se-á sempre, pelo menos em parte, à lingüística imanente.” CORNEILLE 1982, p. 310; ou ainda na obra de reconhecidos interpretadores de Saussure, a exemplo de Louis Hjelmslev, para quem “...a *semântica*, fruto tardio entre as disciplinas lingüísticas, nasceu de um diacronismo e em parte de um psicologismo exclusivos, tendo dificuldades para encontrar suas bases no quadro de uma lingüística estrutural” HJELMSLEV 1991, p. 113.

Essa atitude ainda é perceptível entre nós até mesmo nos recentes compêndios brasileiros de semântica. É o que se vê, por exemplo, em MAEQUES (1990):

⁷A esse respeito cabe lembrar o sugestivo título de um dos capítulos do livro de Jean-Pierre Corneille, *A lingüística estrutural: seu alcance e seus limites*. Corneille sob o título de *O método: autonomia da lingüística e princípio da imanência* avisa que “...é por este preço [o estudo imanente], e somente por este preço, que a lingüística poderá conquistar a sua autonomia e, por esse mesmo facto, emancipar-se da tutela das outras ciências humanas” (p. 43). Ao que acrescenta: “...não deveria ser evidente que qualquer preocupação alheia à lingüística propriamente dita só poderá levar a que o próprio objecto de investigação a que se procede se furte a qualquer tentativa de análise interna?” (p. 44). Não se discute aqui a hierarquia suposta por Corneille ao usar a expressão “lingüística propriamente dita”, a nossa intenção é apenas dar a conhecer, através de uma opinião abalizada para tanto, o princípio da imanência.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

Convém assinalar, no que se refere à concepção saussuriana de língua ‘langue’ como objeto da lingüística, a indeterminação de sua teoria quanto à natureza da frase. Ao tratar das relações sintagmáticas, Saussure dá margem a contradições, que constituem fonte de controvérsias e, na prática, **geram restrição** dos estudos lingüísticos pós-saussurianos aos planos fonológico, morfológico e lexical. MARQUES 1990, p. 46⁸ [grafamos]

Vale, porém, lembrar que, na contramão disso, há as excelentes leituras das teses saussurianas feitas no Brasil por Mattoso Câmara que considera que “...os pontos de vista de Saussure favoreceram a inclusão do estudo do significado em lingüística sincrônica” CÂMARA 1986, p. 193 e por Edward Lopes que, pioneiramente, na primeira edição em 1976, intitulou um dos capítulos do seu excelente *Fundamentos da lingüística contemporânea* de “A linha semântica de Saussure” onde afirmava: “ao conceber o signo lingüístico como uma unidade de significante mais significado, Saussure *reintroduzia* a Semântica no corpo da Lingüística e reativava o interesse, então adormecido, pelos estudos dessa área”⁹ (p. 234).

Sem dúvida, é, no mínimo, interessante que tenhamos opiniões tão divergentes sobre o mesmo autor, e isso também no Brasil. De qualquer forma, importa saber o que se perde e o que se ganha em creditar ou não a Saussure uma teoria do sentido.

Evidentemente, não desconhecemos que, na atualidade, o senso comum parece ser outro: há semântica em Saussure. Prova disso é a quarta parte do livro de Simon Bouquet, *Introdução à leitura de Saussure* (2000), intitulada “O programa de uma gramática do sentido”, onde Bouquet afirma: “... é uma semântica sincrônica que está no cerne da epistemologia programática saussuriana” (2000, p.

⁸A isso acrescenta a autora: “... tanto na visão mentalista saussuriana quanto nessa visão mecanicista bloomfieldiana, **a lingüística se instituiu deixando à margem a semântica**, enquanto plano específico de estudo do significado das formas da língua” (Marques, 1990, p. 47) [grafamos]

⁹Mas é o próprio Edward Lopes quem também registra: “São enormes os empecilhos para a construção de uma semântica lingüística que possa pretender o título de ‘ciência’ Por causa disso, depois de produzir débeis resultados até o século passado, quando ganhou inclusive o nome que tem, a semântica foi praticamente abandonada pelos estudiosos ao longo da primeira metade do século XX” (p. 233)

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

223) No entanto, resta ainda perguntar: a presença (ou não), nas idéias de Saussure, de reflexão em torno da semântica permite, na contemporaneidade, falar de mudança, de evolução, de superação ou de ampliação da teoria?

Como bem lembra Flores (2003), hoje em dia, os cursos de graduação em Letras, normalmente, assumem a postura de considerar a publicação do *Curso de Lingüística Geral* como um fato que pertence à história das idéias lingüísticas. Tal procedimento não seria negativo se com isso não se ignorasse a atualidade do pensamento de Saussure. Na verdade, grande parte dos livros considerados como *introduções à lingüística* e as disciplinas de lingüística geral de nossas universidades apenas fazem referência à obra póstuma como sendo um marco que cria a lingüística enquanto ciência porque estabelece método e objeto para esta área. No entanto, muitos professores se apressam em dizer que Saussure é passado. A lingüística que merece crédito é atual.

Juntamente com esta atitude, percebe-se outra de caráter igualmente reducionista: o estudo do *Curso* reduz-se à apresentação das dicotomias língua/fala, paradigma/ sintagma, diacronia/ sincronia, significante/ significado, atitude esta, geralmente, levada a termo de maneira estanque e sem referência ao sistema teórico do qual tais dicotomias fazem parte. A conclusão disso é que o aluno de letras acaba se convencendo de que Saussure foi muito importante, mas que nada mais do que disse pode ser levado a sério hoje. Esquecem-se os desavisados que os conceitos apresentados no *Curso* não são simples oposições metodológicas.

Em conseqüência do que foi registrado anteriormente, motiva a feitura deste texto um segundo ponto: a sensação de que a lingüística, em especial a brasileira, ainda não promoveu um ajuste de contas com o sistema de pensamento que a instituiu no mundo da ciência do século XX: o estruturalismo lingüístico. Essa lacuna é facilmente verificável. Para tanto, basta observar o estranhamento que a palavra *estrutura* provoca, em especial, quando é utilizada de forma a sugerir alguma atualidade de sentido. *Estrutura*, *estruturalismo*, *sistema* são termos, normalmente, tidos como estranhos à contemporaneidade das teorias lingüísticas. Seus usos estão quase sempre restritos às *histórias* da lingüística.

É suficiente que alguém insista em evocar tais termos e o sistema de pensamento a eles subjacente para que seja colocado sob

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

suspeita. Estranho destino esse o de uma forma de pensamento que produziu tanto em um campo do saber. Hoje, todos se apressam em ser pós-estruturalistas sem que, com isso, possam circunscrever exatamente o que o prefixo introduz em contraposição ao já estabelecido.

Ora, falar de *estruturalismo*, como bem lembra Prado Coelho (1967),

...implica, (...), um conhecimento aprofundado do desenvolvimento teórico da etnologia, da psicanálise, da lingüística, do materialismo histórico, da sociologia, etc., que nos permita elaborar conceptualmente a *diferença* que, na linha evolutiva dessas ciências ou pseudociências, o 'estruturalismo' introduziu. Coelho (1967, p. VIII).

François Dosse, em *História do estruturalismo* (1993), refere de diferentes tipos de estruturalismos, em diferentes esferas do conhecimento e adverte que para além das

diferenças, pode-se identificar uma comunidade de linguagem e de objetivos que dá, por vezes, a impressão de se ler o mesmo livro apesar das variações de estilo e de disciplina que separam um Barthes, um Foucault, um Derrida, um Lacan... O estruturalismo terá sido a *koiné* de toda uma geração intelectual, mesmo que não exista solidariedade de doutrina e menos ainda de escola ou de combate entre seus diversos representantes." Dosse (1993, p. 17)

Neste texto, o termo é entendido de forma circunscrita ao campo da lingüística advinda das teses de Saussure. Sobre os fundamentos saussurianos do estruturalismo, sua relação com o sentido e sobre a atualidade desses conceitos é que passaremos a falar.

Enfim, se este texto não for bem sucedido em alcançar integralmente os objetivos a que se propõe, pode ao menos ser considerado como uma sistematização de leitura feita por professores

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	----------------	------	------	-----------------	--------

de lingüística preocupados com o ofício que desempenham¹⁰.

1 Contribuições de Saussure para uma lingüística em construção

Parece não haver dúvidas entre os lingüistas de que, mesmo involuntariamente, Ferdinand de Saussure foi o primeiro representante da chamada escola estruturalista. Importa, pois, detalhar alguns dos eixos da teoria que esse lingüista construiu, o que implica o registro de suas famosas dicotomias – que, na verdade, parecem se revelar dialéticas, já que há nelas *tese*, *antítese* e *síntese* –, com especial destaque ao conceito de *valor*, ponto central da decisiva contribuição que Saussure emprestou à construção da Lingüística como ciência.

1.1 Linguagem, língua e fala: a tentativa de instauração do objeto

A instauração do objeto da Lingüística talvez tenha sido a mais importante contribuição de Ferdinand de Saussure para os estudos lingüísticos. Ao tratar da distinção entre *língua*, *linguagem* e *fala*, o lingüista genebrino deu início a todo um processo de estabelecimento do objeto da Lingüística. Para Saussure, a *linguagem* é heteróclita e caracteriza-se como sendo a faculdade humana que permite ao indivíduo a comunicação verbal, enquanto a *língua* é a convenção social, adotada pelos indivíduos, que permite o exercício¹¹ dessa faculdade. *Língua*, para Saussure, não se confunde com *linguagem*, “[...] é somente uma parte determinada e essencial dela.” (CLG¹², p.17) Ao longo do CLG, o termo *língua* aparece empregado com

¹⁰Muitas das observações aqui feitas decorrem das leituras de: Godel (1969), das notas de Tullio de Mauro (1967), das reflexões presentes em Bouquet (2000), Arrivé (1994, 1999), Milner (1987, 2000) e Normand (1996). Todos constam de *Referencias*.

¹¹Aqui, fica visível a inserção da “fala” na “língua”. Posteriormente, no entanto, o CLG registra: “a língua é para nós a linguagem menos a fala” (p.92), evidenciando uma distinção mais precisa dos conceitos em elaboração. Essa aparente incoerência possivelmente se deva ao caráter “não autoral” da obra, às idas-e-vindas típicas de anotações discentes.

¹²Opta-se, aqui, por referir o *Curso de Lingüística Geral* e não Saussure, dada a natureza singular da publicação da obra. Com essa atitude resguarda-se as diferenças conceituais existentes entre o CLG e os *Escritos de lingüística geral*, publicados sob a organização de Simon Bouquet e Rudolf Engler (cf. *Bibliografia*).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

diferentes significações, às vezes referindo-se ao funcionamento da linguagem – “[...] é por razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua.” (p.17) –, às vezes confundindo-se com *fala*, como sugere o uso do substantivo *exercício* no fragmento transcrito anteriormente.

Com relação à *fala*, dá-se, em parte, a mesma assistemática semântica observada no que tange à *língua*. *Fala*, em muitos momentos do CLG, é tomada tão-somente como sinônimo de fonação – “[...] o ato individual que permite reconstituir o **circuito da fala** [...] supõe pelo menos dois indivíduos; é o mínimo exigível para que o circuito seja completo.” (p. 19) [grafamos] –; em outros momentos, a fonação é apenas parte da fala – “E o que dizemos da fonação será verdadeiro no tocante a todas as outras **partes da fala**.” (p. 27) [grafamos]. Há passagens em que a *fala* é o uso da *língua* – “[...] a língua [...] é um produto social da faculdade da linguagem [...] para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (p. 17) –, o que já foi aludido no parágrafo anterior. Outra incidência dessa multiplicidade de significações está no Capítulo III da Segunda Parte, por ocasião do exemplo das diferentes entonações da palavra “Senhores!”, em que *fala* denota o que certamente poderia ser, hoje, nomeado como enunciação¹³.

Assim, parece evidente não haver coesão terminológica no CLG; há concepções diferenciadas para *língua* e *fala* nos diferentes capítulos. Essa característica, todavia, não chega a comprometer o registro dos conceitos do lingüista genebrino, os quais são perfeitamente depreensíveis em uma leitura mais atenta, e se justifica em razão da natureza singular da editoração da obra.

Para Saussure, segundo o CLG, a *fala* é a execução individual da *língua*, que é social, isso porque “[...] a língua não está completa em nenhum (indivíduo), e só na massa ela existe de modo completo.” (p.21) Aqui, clarifica-se a distinção saussuriana entre *língua* e *fala*. O CLG registra: “Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que acessório e mais ou menos acidental.” (p.22) Essa passagem evoca restrições que inúmeros estudiosos mantêm em relação aos estudos de Saussure, afinal o CLG registra o caráter *acessório* da fala.

Saussure, na verdade, parecia preocupado com o objeto que

¹³ Sobre isso ver Arrivé (1999).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

tentava desenhar para os estudos lingüísticos, ou seja, a língua; e isso possivelmente justifique uma atribuição secundária à realização da língua na interação social. Essas restrições, no entanto, talvez se abrandassem se os críticos de Saussure considerassem a natureza de sua preocupação: o estabelecimento de um eixo inicial que conferisse dimensão científica aos estudos lingüísticos. Tratar a fala como *acessória*, nesse contexto, possivelmente não signifique relativizar sua importância, mas priorizar o olhar sobre a *língua* enquanto objeto da Lingüística¹⁴.

1.2 O signo lingüístico e suas querelas

Quanto ao conceito de *signo lingüístico*, é um dos pontos mais importantes dos estudos saussurianos e talvez aquele que foi o alvo maior de acalorados debates. Em princípio, Saussure trata do signo como a união de um conceito a uma imagem acústica para, posteriormente, substituir esses termos respectivamente por *significado* e *significante*, alegando terem eles “[...] a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte.” (CLG, p.81). Tullio de Mauro, na nota 128 de sua *Édition critique*, considera que a criação desses termos revela a consciência da autonomia da língua como sistema formal, isso porque conceber a noção de signo é conceber a noção de sistema. Escreve ele: “[...] a introdução dos dois termos (significante e significado) é uma conseqüência do arbítrio radical do signo lingüístico”.

Essa arbitrariedade do signo lingüístico vem historicamente sendo

¹⁴ Isso se confirma na seguinte passagem do CLG: “O estudo da linguagem comporta portanto duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo [...]; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala” (p.27). Como fica evidente, a fala, para Saussure é parte integrante dos estudos da linguagem. Essa constatação se faz ver, ainda, na seguinte passagem: “Sem dúvida esses dois objetos (língua e fala) estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça” (p.27). A importância que Saussure dá à fala é tal que chega a mencionar a possibilidade de haver uma “Lingüística da fala”, no entanto deixa claro que o objeto da “Lingüística propriamente dita” (p.28) é a língua. Assim, Saussure dá *status* de Lingüística à fala e não hierarquiza as “duas” Lingüísticas, apenas as distingue, deixando claro que se ocupará da Lingüística da língua.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

interpretada de forma discutível, uma vez que, via de regra, é tomada como atinente às relações entre a palavra e o seu referente. O arbitrário, para Saussure, no entanto, não diz respeito nem ao referente, nem ao que a tradição cunhou sob a égide do termo palavra, mas se estabelece na relação *interna* do signo, ou seja, entre o significante e o significado e não entre o signo e a realidade.

O CLG registra algumas contradições com relação a essa questão. Uma delas é o exemplo de *boi* com significantes diferentes para os dois lados da fronteira franco-germânica. Aqui, parece ter havido um *deslize*¹⁵ de Saussure, na maioria das circunstâncias empenhado em deixar o referente fora dessa questão. Além disso, alguns conceitos estão inadequadamente explicados, por exemplo, quando os editores acrescentam frases como “Quer busquemos o sentido da palavra latina *arbor*, ou a palavra com que o latim designa o conceito ‘árvore’, está claro que somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conformes à realidade” (p.80). Outra dessas contradições revela-se no Capítulo II da Segunda Parte do *Curso*, em que se registra: “[...] a entidade lingüística só existe pela associação do significante e do significado [...] se se tiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto tem-se apenas uma abstração” (grifo nosso). Essa *concretude* atribuída ao signo lingüístico pode se revelar uma interessante fonte de problemas. Tullio de Mauro, na nota 132, adverte: “O resultado de tudo isso¹⁶ é que o leitor tem a impressão de que, para Saussure, o significante é o vocábulo; o significado, a imagem de uma coisa¹⁷”.

Tratando ainda da arbitrariedade, característica primordial do signo lingüístico segundo o CLG, Saussure, em seus manuscritos, escreve que “[...] o laço que une o significante ao significado é

¹⁵Benveniste (1991, p.55) discorda dessa possibilidade quando escreve: “Semelhante anomalia no raciocínio tão cerrado de Saussure não me parece imputável ao afrouxamento de sua atenção crítica.”

¹⁶“Isso” equivale a “conseqüências bastante graves das intervenções aparentemente modestas dos editores” (nota 132 de Tullio de Mauro sobre o CLG).

¹⁷A alusão registrada na Primeira Parte do CLG ao exemplo “boi” – böf e oks, usado por Saussure na discussão da arbitrariedade, traz consigo uma incoerência em relação à explicitação do conceito de arbitrariedade, já que, neste exemplo, Saussure estaria estabelecendo vínculos claros com o referente. Segundo Tullio de Mauro (nota 137), no entanto, “esse exemplo infeliz” é anterior à introdução dos termos “significante” e “significado” e estaria mal posicionado no desenvolvimento do CLG, o que desfaz a incoerência instalada.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

radicalmente arbitrário” (nota 136 de Tullio de Mauro). O CLG prossegue, ressaltando que “[...] o significante é imotivado, isto é, arbitrário, em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural” (p.83).

Benveniste em um texto memorável, *Natureza do signo lingüístico*¹⁸, parece querer *corrigir* o CLG quando assinala que o arbitrário é relativo ao laço entre o signo e a realidade. Em outras palavras, entre o significante e o significado, para Benveniste, não há arbitrariedade. O arbitrário diria respeito tão-somente à relação do signo com a realidade e não à relação do significante com o significado, devendo, então, ser visto como algo da ordem do contingente.

Por outro lado, ainda para Benveniste, a relação entre significante e significado introduz a ordem do necessário. É condição necessária que existam as duas faces do signo para que este tenha existência. Escreve o autor, com relação ao elo necessário entre significante e significado, no caso de *boi*, o exemplo dado no CLG:

Juntos os dois foram impressos no meu espírito; juntos evocam-se mutuamente em qualquer circunstância. Há entre os dois uma simbiose tão estreita que o conceito ‘boi’ é como que a alma da imagem acústica ‘boi’” (p, 56). E continua: “O arbitrário só existe [...] em relação com o fenômeno ou o objeto material e não intervém na constituição própria do signo (p.57).

Benveniste parece ter razão, em especial, quando discute a exemplificação que serve como demonstração do princípio do arbitrário. No entanto, do ponto de vista da formulação teórica que é feita no CLG, suas considerações talvez se revelem equivocadas se considerado o Capítulo V da Segunda Parte do CLG, no qual Saussure deixa claro que a relação de arbitrariedade é entre o significante e o significado, quando discute a noção de valor:

[...] a escolha que [...] decide por tal porção acústica para tal idéia é perfeitamente arbitrária. Se não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de

¹⁸O artigo é de 1939. A edição aqui citada é a brasileira constante em *Referências*.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora. Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis por que o vínculo entre idéia e som é radicalmente arbitrário (CLG, p.132)

O problema da arbitrariedade não está no CLG, que deixa clara a não relação com o referente. O problema parece estar nos exemplos registrados no *Curso* e atribuídos a Saussure. É a partir disso que Benveniste constrói suas considerações. O princípio é claro, mas os exemplos não o são – os exemplos de Saussure, de modo geral, não parecem próprios para dar conta dos conceitos que estabelece.

Há, a respeito da querela do arbitrário, vasta bibliografia. Além de Benveniste, cabe lembrar ainda Jean Claude Milner (1987) para quem o arbitrário cumpre a dupla função de a) confirmar que o sistema da língua independe da ordem das coisas e de b) regular a relação significante/ significado. Isto equivale a dizer que, para Milner, o signo, como conceito central da lingüística de Saussure, desvincula a teoria do signo de uma teoria das coisas. A consequência imediata é o rompimento de Saussure com a tradição filosófica, já que nela, a exemplo do debate presente no *Crátilo* de Platão, o signo é visto como pertencente à ordem das coisas. Milner se contrapõe ao artigo de Benveniste ao tentar demonstrar o princípio da arbitrariedade recorrendo ao seguinte raciocínio: “o som, (...), pertence como tal à ordem das coisas, e da mesma forma a idéia ou significado, de sorte que, seguindo o dualismo, a ligação que os une enquanto coisa não pode ter nada em comum com a ligação os une enquanto face de um signo” (Milner, 1987, p. 37)

Finalmente, é Michel Arrivé (1999) quem se contrapõe dizendo que nem Benveniste nem Milner demonstram o princípio do arbitrário. O primeiro porque teria deslocado a reflexão de Saussure para uma zona, a da necessidade, sem que conseguisse comprová-la; o segundo porque “... o significante saussuriano, que não é um som, não é pois uma coisa, e não poderia ser atingido por um princípio que só vigora entre coisas e signos. Ele não é nem um nem outro” (p. 45).

A arbitrariedade, conforme Arrivé, seria indemonstrável porque é um princípio sobre o qual se funda a teoria, é um axioma. Normand (1990, p. 6) endossa essa concepção: “[...] termina-se sempre por tropeçar no arbítrio intrínseco da relação forma-sentido [...]; a ordem lingüística (o ‘é assim’) não depende de explicação, mas de uma

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	----------------	------	------	-----------------	--------

descrição imanente”.

Bouquet (2000), leitor não menos polêmico de Saussure, discutindo a arbitrariedade do signo lingüístico proposta por Saussure¹⁹, relaciona esse conceito com o principal conceito da teoria saussuriana: o conceito de *valor*. Escreve Bouquet: “O conceito arbitrário é tão importante na teoria elaborada pelo genebrino porque sustenta diretamente o conceito cardeal de sua epistemologia programática, o de ‘valor’” (p.228). Com relação ao fato de que, em determinados momentos, Saussure trata o signo como uma entidade lingüística composta de uma face fonológica e de uma face semântica e, em outros momentos, o toma apenas como uma face fonológica²⁰, Bouquet sustenta que Saussure teria plena consciência dessa ambigüidade, porque “[...] ele estava convencido de que qualquer palavra escolhida para demonstrar a parte significativa da entidade global composta de uma face fonológica e de uma face semântica estaria naturalmente sujeita a um ‘deslizamento’, tendendo infalivelmente a se referir à entidade global” (p.229). Bally e Sechehaye, no entanto, segundo Bouquet, ignoraram o processo de construção do conceito de signo empreendido por Saussure e trataram os componentes do signo, desde o início, como *significante* e *significado*.

Bouquet discute amplamente a questão da arbitrariedade, comparando CLG e manuscritos de Saussure e chamando atenção para o que considera ser falta de cuidado dos editores do CLG em relação à ambigüidade da palavra *signo* que, nos manuscritos do lingüista genebrino, denota claramente o significante, antes da introdução da terminologia significante/significado. Bouquet resume sua crítica, registrando: “[...] o que Bally e Sechehaye chamam de arbitrário do signo deveria ser denominado, na terminologia que preferiram adotar, arbitrário do significante” (p.232).

A discussão de Bouquet advoga em favor de que *arbitrário* significa “[...] contingente a uma língua [...] sendo que essa

¹⁹Enquanto Benveniste faz sua reflexão apenas a partir do CLG, Bouquet analisa também os manuscritos de Saussure.

²⁰No Capítulo II da Segunda Parte do *Curso*, significante é sinônimo de som: “na língua, um conceito é uma qualidade da substância fônica, assim como uma sonoridade determinada é uma qualidade de um conceito” (119). Isso também aparece no Capítulo IV: “basta considerar os dois elementos que entram em jogo em seu (da língua) funcionamento: as idéias e os sons” (p.130).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

contingência [...] é uma necessidade” (p. 232). Há, segundo ele, o *arbitrário interno do signo*, que dá conta da relação interna entre significante e significado. Bouquet, no entanto, registra um segundo conceito de arbitrário, o *arbitrário sistêmico do signo*, relativo “[...] ao corte realizado por um signo na substância à qual ele dá forma” (p.233). Esse conceito encerra em si o arbitrário do sistema fonológico - “[...] é arbitrário [...] que o número de significantes e as características distintivas dos significantes dessa língua sejam o que são” (p. 233) - e o arbitrário do sistema semântico – “[...] é arbitrário que o número de significados e as características distintivas dos significados dessa língua sejam o que são.”(p. 234)

Os posicionamentos de Benveniste, as notas de Tullio de Mauro, as observações de Milner, os comentários de Arrivé e a leitura de Bouquet assinalam a complexidade do conceito de arbitrariedade do signo lingüístico proposto por Saussure. Talvez se o lingüista genebrino tivesse escrito ele próprio as suas idéias, essa discussão seria menos polêmica na atualidade

Um segundo princípio atinente ao signo lingüístico, segundo o CLG, é a linearidade: “O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo: a) representa uma extensão e b) essa extensão é mensurável em uma só dimensão: é uma linha” (CLG, p.84). Tullio de Mauro (nota 144) registra que este princípio “[...] concerne apenas ao significante e é, pois, específico dos signos de significante acústico, ou seja, signos da linguagem verbal”. O CLG explicita com clareza o conceito de linearidade²¹: “[...] os significantes acústicos dispõem-se apenas na linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia [...] quando os representamos pela escrita [...] substituímos a sucessão do tempo pela linha especial dos signos gráficos²²” (p.84). O conceito de linearidade, assim, associa-se intimamente à perspectiva temporal e espacial²³.

Ainda com relação ao signo lingüístico, importa discutir os conceitos de *mutabilidade e imutabilidade*. Trata-se, também aqui, da

²¹Ainda que Jakobson divirja desse conceito, seus argumentos em favor da simultaneidade não parecem inteiramente justificados.

²²Aqui, o CLG reabilita a “escrita”, associando significante à escrita.

²³Talvez a linearidade pertença ao tempo da fala, afinal a diacronia parece ser o tempo referente à língua (enquanto abstração) e a sincronia parece ser o tempo referente à fala (enquanto realização). A diacronia intervém na língua porque é um espaço entre dois pontos sincrônicos; a sincronia não intervém na língua.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

mutabilidade/imutabilidade na relação significante e significado e não da mutabilidade entre o signo e a realidade²⁴. Essa posposição de dois conceitos introduz a idéia de que o signo é imutável e também mutável. Tal mutabilidade pode estar associada mais ao significante do que ao significado, porque o significado tem implicações extralingüísticas, o que, a princípio, Saussure nega. A solução talvez seja considerar não apenas a mutabilidade do significante ou do significado, mas a mutabilidade do signo em si mesmo.

Com relação à *imutabilidade*, o CLG registra que tanto o indivíduo quanto a massa seriam incapazes de modificar o signo lingüístico, porque estão “[...] atados à língua tal qual é [...]” (p.85). Segundo o *Curso*, a língua é sempre uma herança de épocas passadas: “[...] de fato, nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal.” (CLG, p.86) Parece certo não ser possível modificar repentinamente leis herdadas, assim como parece certo que o fator histórico de transmissão lingüística exclui toda transformação geral e repentina, além do que, como registra o próprio *Curso*, “[...] os indivíduos, em larga medida, não têm consciência das leis da língua [...]”, sem mencionar que “[...] o caráter arbitrário do signo [...] põe a língua ao abrigo de toda tentativa que vise a modificá-la.” (p.87)

Há, ainda, outros fatores que asseguram a imutabilidade do signo lingüístico, tais como a *multidão de signos necessários para constituir qualquer língua*, o que inviabiliza sua inteira substituição; o *caráter demasiado complexo do sistema*, sistema esse para cuja mudança seria necessária a intervenção de especialistas diversos, cujo êxito não é plenamente assegurado e a *resistência da inércia coletiva a toda renovação lingüística*, afinal, “[...] a língua, de todas as instituições sociais, é a que oferece menos oportunidades às iniciativas [...], forma um todo com a vida da massa social, e esta, sendo naturalmente inerte, aparece antes de tudo como um fator de conservação.” (CLG, p.88)

A língua, assim, não é livre, porque deriva das forças sociais e é herança de épocas passadas, ou seja, está situada no tempo. Há, pois, como registra o CLG, um vínculo entre a convenção arbitrária e o

²⁴Para Benveniste (1988), a mutabilidade e a imutabilidade envolvem as relações entre o signo e o objeto. “Não é entre o significante e o significado que a relação ao mesmo tempo se modifica e permanece, é entre o signo e o objeto” (p.58).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

tempo. É por basear-se na tradição que o signo lingüístico é arbitrário. Tullio de Mauro (nota 150), sobre isso, escreve: “[...] as associações entre significados e significantes [...] se fundam [...] em escolhas históricas, temporal, geográfica e socialmente definidas, tudo isso, ou seja, a radical historicidade dos signos, torna-os da mesma maneira radicalmente arbitrários”.

No que diz respeito à *mutabilidade* do signo lingüístico, trata-se da capacidade que o tempo revela para alterar o signo. É preciso admitir, como registra Tullio de Mauro (nota 152), “[...] a dialética que se estabelece na língua, entre continuidade e transformação”. O CLG, nesse sentido, parece elucidativo quando registra que os dois fatos (mutabilidade e imutabilidade) são solidários: o signo está em condições de alterar-se porque se continua. Assim, o princípio da alteração se baseia no princípio da continuidade” (p.89).

A mutabilidade, tanto quanto a imutabilidade, diz respeito ao “[...] deslocamento da relação entre o significante e o significado” (CLG, p.89). Não se trata de mudanças de natureza meramente fonética ou meramente semântica. É a relação entre o conceito e a imagem acústica que está em jogo na mudança. O *Curso* dá como exemplo o signo latino *necãre* (matar) que gerou o signo francês *noyer* (afogar) – “[...] tanto a imagem acústica como o conceito mudaram [...]” (p.89). E o *Curso* prossegue registrando que a língua evolui sob a influência de agentes²⁵ que podem atingir os sons ou os significados. “Essa evolução é fatal; não há exemplo de uma língua que lhe resista. Ao fim de certo tempo, podem-se sempre comprovar deslocamentos sensíveis”. E finaliza: “[...] o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal” (p.91).

Talvez fosse possível concluir a discussão da mutabilidade/imutabilidade do signo lingüístico, registrando que embora a tradição e a arbitrariedade impeçam mudanças abruptas ou substituições nas relações entre o significante e o significado, é necessário reconhecer que o mesmo tempo que preserva essas relações herdadas de épocas pregressas é responsável por mudanças que

²⁵O CLG não precisa tais agentes, ao contrário: “[...] não distinguimos os diferentes fatores de alteração; seria preciso encará-los em sua variedade [...] melhor renunciar provisoriamente a dar conta exata delas (as causas das alterações)” (p.91).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

acontecem ao longo da história de existência de uma língua. Trata-se, como bem assinala Tullio de Mauro na nota anteriormente referida, de uma **dialética** entre continuidade e transformação e, quem sabe se possa acrescentar, dialética essa que assegura a sobrevivência de uma língua.

1.3 Os eixos estruturantes da língua, o sistema e o valor

Duas outras noções, a de eixo das simultaneidades (sintagma) e a de eixo das sucessividades (paradigma), são bastante relevantes na teoria saussuriana. O eixo das simultaneidades “[...] diz respeito às relações entre coisas coexistentes” (CLG, p. 95); já no eixo das sucessividades, não “[...] se pode considerar mais que uma coisa por vez [...]”, nele “[...] estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações” (p.95)²⁶.

O paradigma²⁷ envolve a ausência de outro elemento, enquanto o sintagma envolve a relação com o outro elemento. A noção de paradigma que recebeu notoriedade na lingüística advém da utilização feita da expressão pelo *Círculo Lingüístico de Praga*. O CLG privilegia, na verdade, a expressão *relações associativas*. Essas relações unem termos *in absentia*, Quanto ao sintagma, trata-se de “... relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala²⁸.” (CLG, p.142) E segue: “... o sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas (...) Colocado no sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos.” (p.142) As relações sintagmáticas dão-se *in praesentia*; encontram-se em dois ou mais termos igualmente presentes numa

²⁶Discutindo esses dois eixos, o CLG registra os conceitos de sincronia e diacronia. “É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático de nossa ciência; diacrônico tudo o que diz respeito às evoluções”(p.96). O CLG reflete, ainda que rapidamente, sobre uma possível pancronia, envolvendo princípios gerais cuja existência independeria de fatos concretos, afinal, como registra o *Curso*, “[...] o ponto de vista pancrônico não alcançaria jamais os fatos particulares da língua” (p.112).

²⁷Assim como não usou o termo “estrutura”, Saussure não usou o termo “paradigma”, trata-se de terminologia a ele atribuída por outrem.

²⁸Aqui, parece ter havido uma mudança de linearidade do signo (na verdade, do significante), para linearidade da língua.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

série efetiva.

Para exemplificar essa noção, o CLG registra mais uma das metáforas de Saussure: a metáfora da coluna. “A coluna se acha, de um lado, numa certa relação com a arquitrave que a sustém; essa disposição de duas unidades igualmente presentes no espaço faz pensar numa relação sintagmática.” (p.143) E prossegue: “[...] de outro lado, se a coluna é de ordem dórica, ela evoca a comparação mental com outras ordens (jônica, coríntia etc.), que são elementos não presentes no espaço: a relação é associativa.” (p. 143) O sintagma, na verdade, não tem tamanho, para Saussure. Vai desde *re-ler* (a coisa mínima) até *se fizer bom tempo, sairemos*, o que sugere dificuldade de definição de uma unidade.

A idéia de sintagma, no entanto, parece ser relativamente confusa no livro. O CLG ignora a discussão complexa que o lingüista genebrino instaurou quanto a essa questão. Veja-se o fragmento: “A frase é o tipo por excelência de sintagma. Mas ela pertence à fala e não à língua; não se segue que o sintagma pertence à fala? Não pensamos assim.” (p.144). Parece certo que, de alguma forma, o sintagma remete à fala, ou seja, a dicotomia língua/fala, na verdade, não é tão sólida como parece. A noção de *valor*, de fato, é o que vai resguardar o pensamento de Saussure na sua essência. No CLG, somente no Capítulo V da Segunda Parte, inicia-se a discussão de sintagma, quando se registra a passagem aqui transcrita, segundo a qual o sintagma está na frase, e a frase está na fala. O sintagma, no entanto, subverte completamente o conceito de língua e de fala, subverte essa dicotomia, fazendo com que Saussure, em certos momentos, chegue até a negá-la. Trata-se de uma questão complexa que ficou à margem da discussão registrada no *Curso*. Esse dilema parece evidente na seguinte passagem do CLG (p. 145):

Cumprе reconhecer, porém, que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual. Num grande número de casos é difícil classificar uma combinação de unidades, porque ambos os fatores concorrem para produzi-la e em proporções impossíveis de determinar.

Segundo o *Curso*, as diferenças de natureza fônica ou conceitual

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	----------------	------	------	-----------------	--------

que constituem a língua resultam de aproximações ora associativas, ora sintagmáticas, o que preside o funcionamento lingüístico. O CLG registra *solidariedades sintagmáticas*, ou seja, as unidades da língua dependem do que as rodeia na cadeia *falada* e das partes sucessivas de que elas próprias se compõem. “O valor vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo.” (pp.148 e 149) Nessa discussão, o *Curso* vincula as noções de *valor* e de sintagma: “Na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos.” (p.149) Aqui, parece estar presente com clareza a noção de sistema, no qual as oposições prevalecem, uma vez que é necessário “[...] eliminar mentalmente tudo quanto não conduza à diferenciação requerida no ponto requerido, os agrupamentos associativos e os tipos sintagmáticos estão ambos em jogo.” (CLG, p.151)

Discutindo as *unidades concretas imediatamente reconhecíveis* na língua ou as *entidades*²⁹ *lingüísticas*, o CLG reflete acerca da noção de *palavra*, admitindo as dificuldades práticas para delimitar essa entidade lingüística e lançando mão do conceito de *valor* para tratar da questão. Isso fica bastante evidente na seguinte passagem: “[...] a língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas [...], no entanto sua delimitação é um problema tão delicado que nos perguntamos se elas, as unidades, existem de fato.” (p.124) E, mais adiante: “[...] as entidades concretas da língua não se apresentam por si mesma à nossa observação.”³⁰(p.127). A unidade, para Saussure, enfim, é a união do significante mais o significado e se estabelece graças à noção de valor. Registra o CLG: “[...] a noção de valor recobre as de unidade, de entidade concreta e de realidade.” (p.128)

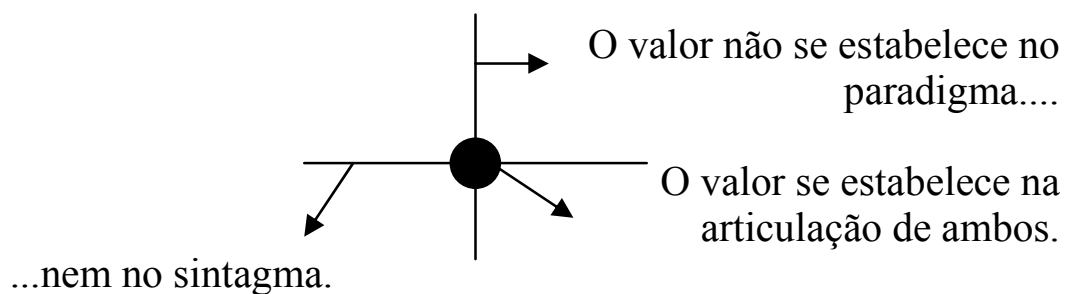
O conceito de *valor* sustenta os demais conceitos da teoria saussuriana. As contradições e imprecisões do CLG geram-se também

²⁹Ao longo do CLG, os signos têm inúmeras denominações. “Entidade” parece ser mais uma delas.

³⁰Ao que parece, nesta discussão, Saussure procura especular acerca das unidades da língua, uma vez que não havia uma definição específica nas diversas áreas. Uma crítica feita ao CLG é o fato de os exemplos acontecerem com substantivos. Na verdade, isso não cabe ser colocado: preposição, conjunção, advérbio etc. também são signos porque diferem de outros elementos (valor). Nessas classes, a noção de arbitrariedade fica mais evidente, porque não há referente específico.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

a partir da cronologia do conceito de valor. Saussure ministrou aulas durante três anos e é natural que, ao final do terceiro ano, estivesse contando com maior clareza teórica. Para o CLG, Saussure parece pensar a noção de valor no nível do paradigma. Ao que parece, no entanto, o *valor* se estabelece no ponto em que sintagma e paradigma se articulam. Veja-se o diagrama a seguir, a título de ilustração:



Esse diagrama deriva da seguinte consideração do CLG: “[...] os valores [...] são sempre construídos por uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar e por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa.” E segue: “[...] esses dois fatores são necessários para a existência de um valor.” (p. 134) Ao que parece, Saussure estava tratando das relações paradigmáticas e das relações sintagmáticas em interseção.

O valor envolve o significante e o significado; constitui a significação, mas é maior que ela. O CLG registra: “O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta se distingue dele.” (p.133) Esse conceito envolve a distintividade e a diferença. O CLG registra o exemplo do jogo de xadrez para dar conta dessa noção: “Tomemos um cavalo; [...] fora de sua casa e das outras condições do jogo, não representa nada para o jogador e não se torna elemento real e concreto senão quando revestido de seu *valor*.” E segue: “[...] uma figura desprovida de qualquer aparência com ele (o cavalo) será declarada idêntica, contanto que se lhe atribua o mesmo valor.” (p. 128) E mais adiante: “A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade” (p.141).

Ao discutir a noção de *valor*, o *Curso* registra toda uma reflexão sobre pensamento e som. Segundo o CLG, “[...] o papel da língua é [...] servir de intermediária entre o pensamento e o som, em

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades.” (p.131) A língua, assim, constituiria suas unidades a partir de duas massas amorfas³¹. Bem ao gosto de Saussure, uma das metáforas registradas no *Curso* é a da folha de papel, em que o pensamento seria o anverso e o som seria o verso; “[...] não se pode cortar um sem cortar o outro ao mesmo tempo; assim tampouco na língua se poderia isolar o som do pensamento ou o pensamento do som.” (p. 131)

A discussão do conceito de *valor* parece constituir, enfim, uma espécie de síntese para todas as questões levantadas ao longo das reflexões registradas no CLG, isso porque a noção de *valor* congrega faces diferentes, como o sintagma e o paradigma, o significante e o significado, em um todo, cuja distintividade (e, portanto, identidade) se estabelece através da oposição. Esse conceito, no entanto, talvez não esteja ocupando o espaço que de fato lhe cabe no CLG e possivelmente em razão disso decorram as aparentes incoerências que a obra traz consigo no tangente a conceitos capitais da teoria saussuriana.

2 Haveria uma semântica saussuriana?

Como dissemos na introdução, uma das discussões que ocupa os lingüistas – e isso de forma muito singular no Brasil - desde a divulgação do CLG é se Saussure, para fundar a Lingüística moderna, eliminou ou não as considerações sobre o sentido. Afinal, como questiona Normand (2001, p. 25), “[...] as proposições de Saussure representam um fechamento ou uma abertura a uma teoria da significação?” Segundo Normand, há duas opiniões aparentemente contraditórias sobre as concepções saussurianas acerca do sentido. A mais clássica delas sustenta que Saussure pôde fundar a Lingüística à medida que abstraiu de seu foco a preocupação semântica³², enquanto a outra visão³³ defende que Saussure, olhando para a linguagem do

³¹Aqui, Saussure nega materialidade ao significante.

³²Normand cita, à página 26, um trecho da obra do psicanalista O. Mannoni para quem “...o objeto da lingüística se constituiu no momento em que ela foi desembaraçada de toda a aderência semântica”.

³³Cita, também à página 26, um trecho de escrito por Roland Barthes em *le bruissement de la langue*: “... foi apenas quando decidiu olhar para a linguagem do ponto de vista do sentido e apenas desse ponto de vista que Saussure cessou de

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

ponto de vista do sentido, pôde fundar uma nova Lingüística.

Normand registra que, para Saussure, a língua é um sistema inteiramente histórico e social, e essa natureza social seria um traço interno da língua tomada como um fenômeno semiológico. Dada sua condição de *sistema*, a língua precisa se distinguir das realizações individuais diversas, ou seja, da fala. Assim, “[...] pela oposição língua/fala, o acento é posto sobre os invariantes, não mais sobre as variações, e ainda menos sobre suas causas psicológicas ou sociológicas” (2001, p.30), afinal, para Saussure, a língua é um sistema de valores puros.

É preciso considerar, no entanto, segundo Normand, que “[...] a língua é, por definição, significante; o locutor não separa os jogos das formas e da significação, em outros termos, o cálculo e sua interpretação, a ‘sintaxe’ e a ‘semântica’” (2001, p. 30). O fato de Saussure ter concebido que língua é forma e não substância, para Normand, não significa que essa *forma* seja vazia de conteúdo, “[...] ela é um jogo de formas significantes [...]” (p.7), afinal nela há diferenças de sons combinadas com diferenças de idéias.

Uma das questões interessantes lembradas por Normand é que Saussure não separa forma e sentido, e essa dissociação parece traço inerente de uma disciplina semântica nos moldes clássicos. A indissolubilidade entre significante e significado advoga em favor da presença da preocupação saussuriana com o sentido. Prova disso parece ser o fato de que o *Curso* de Lingüística Geral serviu como referência tanto para o estruturalismo formal como para a semiologia. Normand elucida isso registrando: “[...] nossa hipótese é que, à medida que o CLG é uma epistemologia, pode-se nele achar elementos de um enfoque semântico lingüístico ou pelo menos a indicação de seus limites” (p.36-37).

Na ótica saussuriana, ainda sob a interpretação de Normand, é preciso considerar que o léxico não é separável da gramática. A noção de *valor* sustenta essa concepção: um termo só adquire seu *valor* quando tomado no conjunto do sistema. Além disso, a semântica não é uma lógica, afinal Saussure não separa sintaxe e semântica, porque significante e significado são indissolúveis, mas a significação deve ser distinguida do *valor*, já que Saussure não toma *significação* e *valor* como sinônimos.

patinar, de se inquietar e pôde fundar uma lingüística nova”.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

A significação é apenas um elemento do *valor*, que, por sua vez, define-se por dois tipos de relações: a) relações entre o significante e o significado, cuja união, o signo, designa um referente e b) relações que um signo mantém com os outros signos do sistema. Escreve Normand: “[...] pelo fato de que é preciso comparar a palavra, com os valores similares, com as outras palavras que lhe são oponíveis, o valor refere-se a um domínio mais amplo que a significação.” (p.10) Por outro lado, o *valor*, para Saussure, é um elemento interno da significação, tendo em vista que a análise dos valores acontece sobre dois eixos: o sintagma e o paradigma, como mostra o diagrama registrado neste estudo. Assim, como escreve Normand, “[...] não importa qual elemento de uma frase se encontre na interseção desses dois eixos, pois ele entra em uma combinação, e seu lugar poderia ser ocupado por um outro elemento, desde que esse último tivesse as mesmas propriedades combinatórias” (2001, p.10). A significação, então, tem o *valor* como um de seus elementos.

De toda essa discussão, Normand conclui que, para Saussure, a significação como produção de sentido “[...] reúne as relações complexas do termo lingüístico com seu exterior [...] e dessa soma de associações postas em jogo na fala, a análise lingüística só pode captar [...] o que concerne ao funcionamento do sistema.” (p.11) Para Normand, enfim, a lingüística que advém do CLG é a única semântica possível, afinal, não pode haver “análise lingüística sem resto” (p. 11).

Lê-se em Bouquet (2000) muitos dos elementos levantados por Normand (2001), entre os quais o fato de que a união significante /significado assegura a presença do elemento semântico nos estudos saussurianos. Escreve Bouquet: “[...] a caracterização do signo lingüístico implica, [...] considerada a associação entre um significante e um significado, o fato de o objeto psicológico estar inteiramente presente, tão concreto³⁴ no plano semântico quanto no plano fonológico. Assim, o concreto fonológico é a garantia do concreto semântico.” (p.242 e 243) A leitura que Bouquet faz da teoria de Saussure permite-lhe afirmar que o elemento semântico está intrinsecamente vinculado ao elemento fonológico, nele contido.

³⁴Saussure, em citação feita por Bouquet (2000, p.248), escreve: Reservamos o termo ‘concreto’ [para] o caso em que a idéia tem diretamente seu apoio numa unidade sonora. Sendo que ‘abstrato’ tem seu apoio indiretamente, através de uma operação de sujeitos falantes”.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

Segundo Bouquet (2000), o objeto semântico, em Saussure, define-se com base no axioma da generalidade do específico³⁵, como um objeto concreto e transversal aos níveis de análise lingüística. Assim, “[...] a unidade significativa [...] se torna um ser puramente contingente a uma língua dada, questionando as divisões tradicionais da lexicologia, da morfologia e da sintaxe [...]”, isso porque “[...] o fato semântico [é] algo que implica, em sua essência, uma abordagem global” (p.252). Dá-se, pois, em Saussure, segundo Bouquet, “[...] a transversalidade da gramática do sentido: a transversalidade do valor semântico” (p. 252). Para Bouquet, enfim, o estudo do sentido, em Saussure, enuncia-se através da teoria do *valor*, implicando o *valor in praesentia* e o *valor in absentia*, com toda a sua complexidade epistemológica.

O que Normand (2001) e Bouquet (2000) discutem com surpreendente complexidade é se a crítica histórica contra Saussure tem ou não procedência, ou seja, Saussure *sepultou* ou não o estudo semântico em sua teoria? Talvez se possa encerrar, para fins deste estudo, tal discussão, lançando mão do que se registrou sobre a Lingüística da *língua* e a Lingüística da *fala*. A preocupação de Saussure era, ao que tudo indica, abrir caminhos para uma nova ciência, e isso dependia precipuamente da noção de sistema, no qual o elemento semântico necessariamente deve estar presente, já que é crucial à existência da língua. Essa é uma realidade que não pode ser negada. Se Saussure tratou de “sistema” e de “valor”, parece necessariamente ter tratado também do sentido, portanto, sob uma interpretação menos purista, parece haver uma semântica saussuriana.

Considerações finais

A Lingüística, nas últimas décadas, tem se dividido fundamentalmente entre o pensamento e a contribuição teórica de *formalistas* e *funcionalistas*, estando os simpatizantes dos postulados saussurianos categorizados dentre os *formalistas*. Grande parte dos argumentos que têm sustentado essa divisão decorre da concepção de que os estudos saussurianos denegaram o contexto de uso da língua, o

³⁵“O que pode ser concebido como ‘sentido’ [...] é um objeto construído pelo sistema da língua, um objeto específico a uma língua específica” BOUQUET 2000, p. 253.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

que, para muitos estudiosos, representa um significativo equívoco de foco, dado que a língua se erigiu historicamente e se justifica exatamente na interlocução situada.

A leitura do CLG levada a termo neste estudo, retomando pontualmente eixos centrais do pensamento saussuriano, parece sugerir, no entanto, que Saussure e seus seguidores tinham como preocupação, naquele momento histórico, estabelecer um objeto e um método para a ciência lingüística então embrionária, o que lhes requereu circunscrever-se à dimensão imanente do fenômeno sobre o qual se debruçavam. A noção de *valor*, no entanto, em grande medida invisibilizada nos estudos saussurianos historicamente legitimados, sugere com clareza interfaces expressivas entre sentido e forma, dado que as escolhas paradigmáticas se estabelecem em eixos sintagmáticos, e isso, em última instância, poderia evocar escolhas lexicais para compor estruturas enunciativas, ainda que essa suposição soe recursiva.

De todo modo, a riqueza do conceito de *valor*, por si só, redimiria Saussure de não ter se ocupado de outras tantas questões naturalmente postas na língua e na fala, afinal, um construto teórico necessariamente precisa limitar suas bordas em nome da verticalidade teórica. Caso tivesse tido mais tempo de vida, esse lingüista seguramente teria estendido horizontalmente o foco do olhar, o que parece passível de ilação se observada a densidade de suas propostas, a despeito de os registros estarem assim marcados por revezes de reescrituras póstumas a ele.

REFERÊNCIAS

- ARRIVÈ, M. (1999). **Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan**. Rio Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BENVENISTE, E.(1988). **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas, São Paulo: Pontes. (col. *Linguagem/crítica*)
- _____. **Problemas de Lingüística Geral II**. (1989) São Paulo: Pontes. (col. *Linguagem/crítica*). São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BOUQUET, S. (2000). **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo, Cultrix.
- CÂMARA, J. M. (1986). **História da lingüística**. Petrópolis: Vozes.
- COELHO, Eduardo Prado. “Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos”. (1967). In: **Estruturalismo: antologia de textos teóricos**. São Paulo: Martins Fontes.
- CORNEILLE, J-P. (1982). **A lingüística estrutural: seu alcance e seus**

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------

limites. Coimbra: Livraria Almedina.

DOSSE, F. **História do Estruturalismo I: o campo do signo, 1945/1966.** (1993) São Paulo: Ensaio.

FLORES, do Nascimento V. (1999). **Lingüística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação.** Porto Alegre, EDIPUCRS.

_____. (2003). “Ler Saussure hoje: o *Curso* e os Anagramas”. In: **Nonada Letras em Revista.** Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, n. 6 (p. 43-60)

_____. (2004). “A lingüística de Ferdinand de Saussure, a psicanálise de Jacques Lacan”. In: **Correio da APOA.** Associação Psicanalítica de Porto Alegre: Porto Alegre, n. 131, dez.

GODEL, R. (1969). **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. De Saussure.** Genebra: Droz.

HJELMSLEV, L. (1991). **Ensaio Lingüísticos.** São Paulo: Perspectiva.

JAKOBSON, Roman. (1974). **Lingüística e comunicação.** São Paulo: Cultrix.

LOPES, E. (1993). **A Palavra e os Dias: ensaios sobre a teoria e a prática da literatura.** São Paulo: Editora da UNESP e Editora da UNICAMP.

_____. (1976). **Fundamentos da lingüística contemporânea.** São Paulo: Cultrix.

MARQUES, M.H.D. (1990). **Iniciação à semântica.** Rio Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MILNER, J. C. (1987). **O Amor da Língua.** Porto Alegre: Artes Médicas.

NORMAND, C. (2000). **Saussure.** Paris: Les belles lettres.

_____. (1990). “CLG: une théorie de la signification?”. In: _____ **La quadrature du sens.** Paris: PUF.

STAROBINSKI, J. (1974). **As Palavras Sob as Palavras: os anagramas de Ferdinand Saussure.** São Paulo: Perspectiva.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1976). **Cours de linguistique générale. Éditions critique préparée par Tullio de Mauro.** Paris, Payot.

SAUSSURE, Ferdinand de. (2000). **Curso de Lingüística geral.** 22 ed. São Paulo: Cultrix.

SAUSSURE, Ferdinand de. (2004). **Escritos de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 9-35
------	-------------	------	------	--------------	--------